

ENTRE A MEDICINA, A POLÍTICA E A POESIA: A TRAJETÓRIA DO DR. ANTONIO DA CRUZ CORDEIRO NA PROVÍNCIA DA PARAÍBA NA SEGUNDA METADE DO OITOCENTOS

*Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano*¹

O dia era 17 de junho de 1865, e o Dr. Antonio da Cruz Cordeiro² foi aplaudido de pé pelo público que lotava o teatro de São João, em Salvador, na província da Bahia. A peça de sua autoria era um drama intitulado *Prólogo da Guerra ou o Voluntário da Pátria*, que contava a história do homem, pai de família, irmão, filho, esposo, que vai ao campo de batalha, como voluntário, em um ato considerado de defesa da pátria e amor ao Brasil. O teatro estava todo ornamentado e recebeu um grande público que foi prestigiar o médico. Ao final da peça, o Dr. Cruz Cordeiro foi homenageado com uma coroa de flores e uma poesia, de Francisco Muniz Barreto, para o homem que fez um “honroso trabalho de uma inteligência esclarecida e um coração patriótico”. Após as apresentações formou-se uma grande fila e a plateia se acotovelava para parabenizar o autor dos versos que em nome “da glória nacional” representou os brios de um “povo livre e independente”. Alguns jornais da Bahia teceram elogios e dirigiram felicitações àquele que conseguiu desenhar o quadro do *ser voluntário* na guerra do Paraguai (1864-1870). Segundo as críticas do *Diário da Bahia*:

*[...] a composição de um estilo fluente e elegante, em seus versos harmoniosos produziu o efeito do que era de se esperar dos talentos litteraios do distincto parahybano e tambem do assumpto, que é actualmente [1865], mais do que em qualquer outra ocasião, é um mote de entusiasmo para os corações brasileiros.*³

Como chamou a atenção o *Diário da Bahia*, os versos do Dr. Cruz Cordeiro, “mais do que em qualquer ou ocasião”, “é um mote de entusiasmo para os corações brasileiro”, principalmente em se tratando do momento em que o Brasil estava vivendo, no contexto do início da guerra do Paraguai. Através das suas publicações a imprensa foi utilizada como estratégia para atrair a população para lutar, enquanto voluntários da pátria⁴.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. E-Mail: <seriojam2@hotmail.com>.

² Também conhecido como Dr. Antonio da Cruz Cordeiro Sênior, vale lembrar que a denominação Sênior fora acrescida após o nascimento do seu filho, Antonio da Cruz Cordeiro Júnior, na cidade da Parahyba, em 1859. A denominação foi importante para diferenciá-los, pois o filho também se tornou médico e escrevia nos jornais da cidade.

³ Grifos meus. *Diário da Bahia*, Salvador, n. 138, jul. 1865.

⁴ Vale lembrar que o Corpo de Voluntários da Pátria foi criado em janeiro de 1865, pois no início da luta armada não havia um efetivo militar suficiente para representar o Brasil. Segundo os dados da época, a Paraíba teria enviado cerca de três mil homens para guerra, entre índios, escravos libertos

Esse olhar acerca do cotidiano e do comportamento desses sujeitos, a partir da segunda metade do século XIX, foi possível graças a análise de documentos do século XIX, fragmentos de biografias, relatórios de presidentes de província e, principalmente, jornais e os livros de autoria de Cruz Cordeiro, são fontes que compõem o *corpus* documental desse texto, que tem por objetivo analisar a trajetória do médico Antonio da Cruz Cordeiro. Um homem das letras com uma atuação na produção de livros, artigos, entre outros impressos. Foi deputado provincial, representando o partido liberal, por três legislaturas (na 15ª legislatura de 1864-1865; na 16ª de 1866-1867 e 17ª de 1868-1869)⁵. Atuou como diretor do Hospital da Misericórdia, entre outros cargos na área médica, que tratarei mais adiante. Durante a guerra foi voluntário e escreveu dois poemas que se destacaram nos impressos da época. Parto do princípio de que o contexto ao qual o personagem estava inserido “[...] não é algo homogêneo e estático, mas sim composto por múltiplas e dinâmicas relações sociais entabuladas por indivíduos, inclusive aquele que se escolheu para biografar”⁶.

Pensando nessa multiplicidade de comportamentos é que se pode desenrolar esse novelo de lã, que aparentemente parecia de uma só cor, mas traz para nós a diversidade. Portanto, entender essas práticas culturais, a partir do que foi publicado nos impressos da época, é um dos objetivos desse artigo. Após a leitura da documentação, alguns questionamentos acerca da vida de Cruz Cordeiro vieram à tona: Quem era esse homem e qual a sua profissão? O que motivou a sua ida a guerra? E a atuação política no partido liberal? O que ele produziu ao longo da sua vida e como foram divulgadas as suas ideias? São algumas questões que serão abordadas ao longo do texto e nos permitirão entender melhor os comportamentos que faziam parte das práticas de uma cultura política⁷.

Antonio da Cruz Cordeiro nasceu na vila de Independência (atual cidade de Guarabira) na província da Paraíba, em 29 de novembro de 1831. Filho de uma família abastada fez seus estudos no Lyceu paraibano, e aos vinte e cinco anos, em 1856, concluiu a Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese *O aneurisma e suas divisões. Acidentes das feridas de arma de fogo*⁸. De 1859 até 1861, Cruz Cordeiro atuou como médico da enfermaria local, no governo do presidente da província, Ambrósio Leitão Cunha. Em seguida, como médico efetivo do Corpo de Saúde

e homens livres.

⁵ Interessante que mesmo durante a guerra, no período em que estava no campo de batalha, o Dr. Cruz Cordeiro continuou como deputado pelo Partido Liberal. MARIZ, Celso. *Memória da Assembléia Legislativa*. 2. ed. João Pessoa: Assembleia Legislativa, 1987 [1946]; BITTENCOURT, Liberato. *Homens do Brasil* – vol. II: parahybanos ilustres. Rio de Janeiro: Gomes Editora, 1949.

⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. “História e biografia”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2012, p.187-205.

⁷ BERNSTEIN, Serge. “A cultura política”. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998, p. 349-364.

⁸ O general e médico Alberto Martins da Silva, membro da Academia de História Militar do Brasil e Academia Brasileira de Medicina Militar, escreveu texto, intitulado “Memória”, no qual apresenta uma pequena biografia do Dr. Cruz Cordeiro Sênior, disponível no Portal Médico (ver em: <<http://www.portalmédico.org.br/>>). Ver também: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (org.). *Pequeno dicionário dos escritores/ jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand*. João Pessoa: PPGL-UFPB, 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>>.

do Exército, foi 2º cirurgião nas Guarnições da Província de Sergipe e da Paraíba.

De agosto de 1863 até 1864 foi transferido e passou a atender na enfermaria da província do Amazonas como médico do Exército, mas ficou pouco tempo, por ser considerado insubordinado. “Esta transferência foi motivada por atos de insubordinação, praticados em razão de seu forte temperamento”. Infelizmente não encontrei indícios, nenhuma documentação que apontasse esses tais atos de “insubordinação” e do “seu forte temperamento”. Em setembro de 1864, foi publicado um documento do governo provincial, em que tornava sem efeito a transferência do médico para província do Amazonas. Desencantado com o Exército pediu demissão ao retornar a província. Demissão que foi concedida com o Decreto de 7 de julho de 1865, publicada na Ordem do Dia nº 462, de 14 desse mês⁹.

Mas, mesmo com o desencantamento com o Exército, Cruz Cordeiro atendeu ao “apelo patriótico” e foi lutar na Guerra do Paraguai (1864-1870), como Tenente e 2º cirurgião¹⁰, no Corpo de Voluntário da Pátria, no primeiro contingente da Paraíba. O primeiro contingente partiu da Paraíba em 06 de maio, sob o Comando do Tenente-coronel José Paulo Travassos, no vapor “Paraná”, com destino ao Rio de Janeiro¹¹. Uma referência a este episódio é a mensagem dirigida à Assembleia, a 03 de agosto de 1866, pelo Vice-Presidente Felizardo Toscano de Brito, na qual informa que o médico “reassumira seu lugar de médico do Hospital da Caridade, por estar licenciado por ter seguido para o Sul com o Corpo da Guarnição”.

Ainda sobre a sua trajetória, vale lembrar que o médico também recebeu a concessão de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, uma ordem honorífica criada por D. Pedro I, em 1829. A comenda era um prêmio dado aos militares ou civis, pelos serviços prestados ao Estado e a fidelidade ao imperador¹².

Foi médico do hospital da Santa da Casa da Misericórdia, trabalhou como médico dos pobres no 1º Distrito da capital paraibana, e foi 2º Tenente do Corpo de Saúde do Exército e Chefe da Enfermaria Militar da província¹³. Ou seja, exerceu a sua profissão ao longo da vida, até a morte em Recife, no ano de 1895, após de submeter a uma cirurgia.

No contexto da política local o médico Cruz Cordeiro era aliado dos liberais, dentre eles o padre José Lindolfo Correia das Neves e Felizardo Toscano de Brito,

⁹ *O Publicador*, Cidade da Parahyba, 02set.1864, n. 600, p. 04. *O Publicador*, anos de 1864, 1865, 1866, 1867. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 14 mar. 2015.

¹⁰ Segundo dados do Corpo de Saúde do Exército, outro paraibano que atuou na guerra do Paraguai no batalhão composto de Segundos Cirurgiões foi o médico tenente Jacyntho Silvano de Santa Rosa. Já como cirurgião-mor de Brigada, também serviu na guerra o Major Dr. Tomaz Cardoso de Almeida. Ver: *ALMANAK administrativo, mercantil e industrial da Corte do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865, p.279-282.

¹¹ *O Jornal do Recife* noticiava a chegada do vapor “Paraná” com várias pessoas que seguiam para o Rio de Janeiro, dentre elas o médico Cruz Cordeiro, sua esposa e três filhos. *Jornal do Recife*, Recife, 20 maio de 1865, p.2.

¹² MARTINS, Maria Fernanda. “O círculo dos grandes: um estudo sobre política, elites e redes no segundo reinado a partir da trajetória do visconde do Cruzeiro (1854-1889)”. *Revista de História*. Juiz de Fora, vol. 13, n. 1, 2007, p. 93-122. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/>>. Acesso em: 14 mar. de 2015.

¹³ CASTRO, Oscar. *Medicina na Paraíba: flagrantes da sua evolução*. João Pessoa: A União, 1945, p.46.

homens da elite e de destaque na política imperial. Escrevia periodicamente nos jornais *O Publicador*¹⁴ e a *Gazeta da Parahyba*¹⁵. Mesmo em uma sociedade em que a maioria era de analfabetos, no século XIX, os impressos (jornais, folhetins, entre outros) se tornaram um espaço importante de divulgação do pensamento, seja dos representantes das ideias dos liberais, seja dos conservadores. Como chama a atenção Carolina Paes Barreto da Silva:

*Os impressos passaram a transmitir doutrinas, opiniões ou contendas. Eles eram um instrumento indispensável para os grupos que pretendessem exercer alguma influência política ou desejassem defender suas opiniões e interesses. Muitos jornais eram lidos em voz alta, o que multiplicava seu poder de atuação.*¹⁶

E Cruz Cordeiro se utilizou dos meios impressos para divulgar, inicialmente, a sua produção acadêmica e, depois, suas publicações sobre a guerra, usando como recurso literário, o drama poético.



Fig. 1 – Antonio da Cruz Cordeiro, fotografia sem data¹⁷.

¹⁴ O jornal *O Publicador* foi fundado em 1861, pelo tipógrafo José Rodrigues da Costa, teve como redator editor o padre Lindolfo Correia das Neves e publicava-se diariamente. Para os anúncios eram cobrados os valores de 400,00 réis por linha e 100,00 para os não assinantes, também o valor de 100,00 réis para os “avulsos”, com pedido de espera. De tendência liberal, o jornal fazia oposição ao conservador *Jornal da Parahyba*, este fundado pelo senador Frederico de Almeida e Albuquerque e que tinha como redatores Silvino Elvídio Carneiro da Cunha (futuro barão de Abiahy) e o padre Meira, tendo funcionado de 1862 até 1890. ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: imprensa e vida*. João Pessoa: Editora Ilustrada, 1986, p. 37.

¹⁵ Jornal criado e dirigido por Eugênio Toscano de Brito. Para maiores esclarecimentos, ver: BARBOSA, *Pequeno dicionário...*, p.36.

¹⁶ SILVA, Carolina Paes da. *A trajetória d'O Republico do Primeiro Reinado e início da Regência: os discursos impressos de Borges da Fonseca sobre a política imperial (1830-1832)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010, p. 14.

¹⁷ Fonte: CASTRO, *Medicina na Paraíba...*, s. p.

A experiência firmada na observação dos fatos

Falando sobre a produção literária de Cruz Cordeiro, Oscar Oliveira Castro (1945), no seu livro *Medicina na Paraíba: Flagrantes da sua Evolução*, considera o médico como sendo “um bom clínico, foi um homem de letras, de estilo seguro e regular produção científica”. Suas publicações: *Instruções Sanitárias Populares, acompanhadas de prescrições para o caso de manifestar-se entre nós a epidemia de cólera-morbus*, pela Tipografia J.R. da Costa, situada à Rua Direita, nº 20, em 1862. Essa publicação foi possível após o Dr. Cruz Cordeiro atuar na luta contra a epidemia do Cólera que matou mais de trinta mil pessoas na província da Paraíba. O médico viajou para conhecer os casos de cólera, porque ele acreditava que “a experiência firmada na observação dos fatos” garantiria um diagnóstico e tratamento mais eficiente.

Publicou, ainda, *Prólogo da Guerra ou Voluntário da Pátria*, ensaio dramático em verso de três atos e um quadro, pela Tipografia do Imperial Instituto Artístico, localizado no Largo São Francisco de Paula, nº 16, no Rio de Janeiro. *Estudo Biográfico – o Vigário Joaquim Antonio Marques*, pela Tipografia Liberal Parahybana, situada à Rua Direita, nº 102, na Cidade da Paraíba. *Batalha de Humaitá. Episódio da Esquadra Brasileira em operações nas águas do Paraguai, a 19 de fevereiro de 1868*, também pela Tipografia J.R. da Costa, na Paraíba¹⁸.

Bem conceituado pelos seus trabalhos na área de prevenção ao cólera, Cruz Cordeiro foi elogiado e citado pelo *British Medical Journal*¹⁹ como sendo um exímio conhecedor das epidemias que assolaram algumas províncias do Brasil, inclusive a Paraíba, nas décadas de 1850 e 1860. O jornal se refere ao médico como “um homem de honra que viu de perto os horrores do cólera, e, portanto, conseguiu descrever com clareza a epidemia. No texto *Instruções Sanitárias Populares* (1862), o Dr. Cruz Cordeiro aponta prescrições médicas, sintomas e tratamentos para o cólera.

Na primeira parte do livro apresenta as *precauções higiênicas e medidas preventivas que se devem tomar durante a epidemia*. Nos seus ensinamentos a limpeza das pessoas e das residências, sejam públicas ou particulares, eram regras básicas para prevenir o mal. Os pés e o ventre deveriam sempre ficar aquecidos, e aconselha usar um cinto de flanela e meias de lã e não ficar descalços, além de manter o corpo limpo através dos asseios. Havia também a preocupação com o arejamento das casas para a melhor circulação do ar. O autor alerta para o que considerava “as causas predominantes do mal”. Ou seja, “o medo, a tristeza, as vigílias, assim como o abuso dos prazeres”, a embriaguez e a comilança em excesso também poderiam causar a doença. Quanto a água, deveria ser potável, caso não

¹⁸ No final do livro *Batalha do Humaytá* o autor apresenta os seus livros com os devidos valores: *Impressões da epidemia* 1 volume com 300 páginas (brochado 2\$00 e encadernado 3\$000); *Prólogo da Guerra ou Voluntário da Pátria* 1 volume 170 páginas (brochado 2400 e encadernado 2\$60); *Estudo Biographico acompanhado de Alguns Estudos Oratórios do Vigário Marques* 1 volume 304 páginas (brochado 2\$500 e encadernado 3\$200); *Episodio da Esquadra Brasileira em 10 de Fevereiro – batalha de Humaytá*. Poesia 1 folheto (500 réis). Todos a venda na Botica na rua da Arêa n. 100 e na casa 43 da mesma rua. CORDEIRO, Antonio da Cruz. *Batalha de Humaytá*. Cidade da Parahyba: Typographia Liberal Parihybana, 1869, p.399.

¹⁹ “HEALTH Public”. *British Medical Journal*, Londres, 14 jul.1894, p.107.

fosse era preferível tomar um pouco de conhaque, aguardente ou vinho.

*Se o abuso dos vinhos e licores fortes é nocivo, e predispõe particularmente a contrair o cholera epidêmico, o uso moderado do vinho ou licor de boa qualidade, longe de ser nocivo, é mui conveniente para trazer ao organismo aquella doce calor e excitação necessários para a boa marcha das funções vitales.*²⁰

A preocupação do Dr. Cruz Cordeiro está relacionada ao temor de uma grande mortandade como a devastação do cólera que ocorreu na província em 1856²¹. Por isso, o médico sugeria que fossem tomadas algumas *precauções higiênicas e medidas preventivas que se devem tomar durante a epidemia*. Cita a limpeza das residências e do corpo como fundamentais na prevenção: não andar descalço, para não se contaminar com as impurezas da terra e tomar banhos “uma vez por outra”. Durante boa parte do Oitocentos, muitos médicos acreditavam que determinadas condições ambientais proporcionavam o desenvolvimento de doenças. Miasmas presentes no ar, oriundos de matéria orgânica em decomposição ou água parada provocavam, segundo esta concepção, as epidemias. Para tal concepção, o meio físico, a natureza e a concentração de pessoas eram produtores de miasmas. A discussão ganha espaço com os que validavam a teoria do contágio, que poderia ocorrer de forma direta, a partir do contato com o doente, ou de forma indireta, através do ar, roupas e outros objetos, o que resultou em uma variedade de medidas profiláticas.

Os lixos das casas deveriam ser depositados longe das residências, assim como as pessoas deveriam manter as vestimentas limpas. Também é interessante como o médico alertava para os perigos daquelas pessoas que “se entregam ao excesso de comida e bebida” como sendo, a porta de entrada do cólera. Esses excessos poderiam causar a má digestão e a diarreia, aliás, esse último sintoma era um dos mais conhecidos da doença. Outra regra básica no combate a doença diz respeito ao perigo da água contaminada. A água era considerada muito perigosa, por isso havia indicações para que as pessoas bebessem aguardente, conhaque ou vinho, porém com uma ressalva: “convém notar que o abuso dos alcoólicos é mui perigoso [...]”²².

Após apresentar os meios de preservação, o texto continua com um alerta mostrando quais os sintomas e como deveriam ser evitados. No capítulo *Sintomas*

²⁰ CORDEIRO, Antonio da Cruz. *Instruções sanitárias populares, acompanhadas de prescrições medicas para o caso de manifestar-se entre nós a epidemia do Cholera- Morbus*. Parahyba: Typ. de J. R. da Costa, 1862, p. 01-04.

²¹ No relatório do Presidente da Província Antonio da Costa Pinto consta um quadro, intitulado “Mapa da Mortalidade ocasionada pelo choleramorbis na Provincia da Parahyba do Norte de janeiro a junho de 1856”, com o total de 25.390 mortos.

²² CORDEIRO, *Instruções sanitárias...*, p. 04. Os principais sintomas do cólera eram o vômito, diarreia e a supressão da urina, um diagnóstico que muitas vezes significava a morte. MARIANO, Serioja R. C. & MARIANO, Nayana R. C. “O medo anunciado: a febre amarela e o cólera na província da Paraíba (1850-1860)” *Fênix- Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, UFU, vol. 9, ano IX, n. 3, set./ dez. 2012, p. 01-20. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>.

do *Cholera Epidemico, Sua Marcha e Indicação dos Primeiros Socorros que Convém Dar*, o autor indica as diferenças entre o colerina (mais brando) e o cólera (mais mortal). Diz que a doença se desenvolve com vômitos, diarreias, muita sede, supressão da urina, câimbras, suores frios, aceleração ou lentidão do pulso, entre outros sintomas.

Na continuação do texto o médico indica vários tratamentos considerados necessários. Por exemplo, “um banho bem quente nos pés, ajuntar sal ou mostarda, para lhe aumentar o estímulo”. O repouso era visto como essencial, bem como a utilização de compressas feitas do cozimento da linhaça e papoula, para evitar as terríveis cólicas. O texto segue dando sugestões de remédios para curar esse mal. Ao final das *Instruções*, o Dr. Cruz Cordeiro considera que o seu dever, enquanto homem das ciências, é transformar os seus escritos e estudos em algo útil para tratar as pessoas²³. Ao final do livro, na página 12, o médico escreve “duas mais palavras”, exclusivamente, para o povo. Eram instruções para que as pessoas se prevenissem e não adoecessem.

No século XIX, o saber e a prática médica estavam ganhando relevância graças à criação das primeiras faculdades de medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. Os chamados “médicos profissionais” passaram a ganhar representatividade pela crescente necessidade de sanear o país tomado por epidemias. No Rio de Janeiro, as doenças tropicais eram priorizadas nos estudos médicos, já na Bahia, as pesquisas apostavam no “mal advindo do cruzamento racial” vivido no Brasil, e o “doente”, conseqüentemente, era o foco de pesquisas. Nesse contexto, a intervenção médica passou a ser feita a partir de modelos e preceitos ditos científicos e o meio social, a ser visto pela ótica da doença.

As notícias nos jornais da província da Paraíba davam conta de que as *Instruções Sanitárias Populares* (1863) foram publicadas “gratuitamente” pelo governo da província “para acalmar os ânimos amedrontados pela segunda invasão da cólera [...]”. Cruz Cordeiro era considerado um autor envolvido com “a sciencia médica” e cultivava a poesia e a literatura desde muito cedo, quando cursava a Faculdade de Medicina.

Como instrumento de convencimento e espaço de denúncias e conflitos políticos, os periódicos foram muito utilizados pelo Dr. Cruz Cordeiro, que publicou críticas políticas aos seus opositores, bem como poesias, em alguns jornais do Brasil como: *Jornal da Bahia*, *o Paiz*, *Diario*, *Caixeiro Nacional*, *Protesto*, *Noticiador Catholico*, *O Publicador*, foi redator do *Prisma*, *do Recreio do Bello Sexo*, e *do Estudante*, entre outros.

Os conflitos, de cunho político, podem ser observados na resposta de Cruz Cordeiro a uma acusação feita no *Jornal da Parahyba* de que o mesmo havia publicado uma poesia criticando o então presidente da província, Francisco Araújo Lima²⁴. Na resposta, no jornal *O Publicador* de 01 de março de 1864, o médico

²³ Essas instruções foram enviadas ao presidente da província, Francisco de Araújo Lima, em 30 de janeiro de 1862. CORDEIRO, *Instruções Sanitárias Populares...*1862, p.3.

²⁴ Francisco de Araújo Lima foi presidente da província da Paraíba de maio de 1861 até fevereiro de 1864. “Relatorio apresentado a Assembléa Legislativa Provincial da Parahyba do Norte pelo exm. sr.dr. Francisco d’Araujo Lima na abertura da sessão ordinaria de 1863. Parahyba, Typ. Parahybana, [n.d.]” Relatórios dos Presidentes de Província da Paraíba. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/>

afirma que o soneto não é de sua autoria e que tudo não passava de uma articulação política dos seus desafetos, os redatores do *Jornal da Parahyba*, a família Carneiro da Cunha, fundadores e líderes do partido conservador na Paraíba. Sentindo-se incomodado com a acusação, Cruz Cordeiro fez a seguinte defesa:

*Desafio os Srs. redactores do Jornal da Parahyba, em nome da honra e da verdade, para que, deixando esse modo infame de denunciar os seus desafectos políticos, venham exhibir as provas do que leviana e caluniosamente me attribuem. Convido-os ainda para que mostrem uma só produção minha, quer em prosa, quer em verso, desde a minha vida scholastica, que se pareça com gênero e estilo d'esse soneto, a que se referem, e a respeito do qual nenhum juízo emito.*²⁵

Na Paraíba da década de 1860 havia uma disputa acirrada entre conservadores e liberais para ocuparem as cadeiras da Assembleia Geral. Os conservadores, chamados de vermelhos, foram representados por nomes como: Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, Anísio Salatiel Carneiro da Cunha e o Barão de Mamanguape (Flávio Clementino da Silva Freire); entre os liberais, o Comendador Lindolfo José Correia das Neves, Dr. Felinto Henrique de Almeida e José da Costa Machado. Nesse período, em algumas vilas, como Jacoca, Pilar e Ingá, os liberais saíram vitoriosos, no entanto, as eleições foram canceladas, o que, de certa maneira, justifica a fala do jornal *O Publicador* e o soneto anônimo, que fora dito ser do Dr Cruz Cordeiro. Como demonstra Barbosa, no livro *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*, muitas vezes no texto do jornal não constava a autoria, nem o gênero de quem estava escrevendo a matéria²⁶. Dessa maneira, imputar a autoria de uma escrita com pseudônimo a alguém não era difícil, e é essa alegação do médico para justificar que não havia escrito o soneto contra o então presidente Araújo Lima.

Os representantes dos conservadores se elegeram com maioria dos votos e o presidente da província, Francisco de Araújo Lima, foi acusado, pelo jornal *O Publicador*, de ter interferido a favor dos conservadores, utilizando-se, inclusive, da força da polícia para garantir que o pleito fosse favorável aos conservadores. O jornal acusava o presidente de se utilizar de práticas de “patronato, bajulação e humilhações” para conseguir o resultado a seu favor nas eleições, bem como de papéis “arranjadinhos”, o que pressupõe a fraude no processo eleitoral²⁷. Miriam Dolhnikoff chama a atenção para o fato de que “manipular os resultados eleitorais de modo a garantir maioria parlamentar para o ministério em exercício”, era uma prática recorrente no Brasil imperial, notadamente nas províncias, e o presidente era uma peça fundamental nesse jogo político. Claro que para tal façanha

provincial/para%C3%ADba. Acesso em: março. 2015.

²⁵ *O Publicador* de 01 de março de 1864, p.3 -4, ano III, nº 449.

²⁶ BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

²⁷ *O Publicador*, Cidade da Parahyba, 03mar.1864, ano III, n. 451, p. 01-02.

necessitava do apoio de uma parte das elites locais, uma barganha que garantiria a governabilidade do presidente²⁸.

Ainda segundo *O Publicador* do dia 03 de março de 1864, o presidente Araújo Lima teria usado da “força e dos meios officiaes para decidir a victoria em favor dos protegidos do poder”. O editorial alerta a Assembleia provincial para não aceitar esses tipos de práticas, comparadas a “senhores feudais e servos da gleba”. E faz uma acusação de que houve fraude nas atas das vilas de Ingá, Jacoca, Livramento, Taipu e Alagoa Grande. Inclusive chama atenção para o fato de que os delegados e subdelegados dessas vilas compactuaram com a fraude.

Esses comportamentos eram recorrentes no processo eleitoral, era uma prática da cultura política que se enraizava por várias províncias. Os agentes das mesas eleitorais, juizes, delegados, subdelegados, padres, só para citar alguns, e o presidente no topo dessa cadeia eleitoral, atuavam como peças importantes na arena das eleições imperiais. O processo de votação tinha todo um ritual “e alguns espaços causavam um impacto simbólico maior que outros: as autoridades eleitorais reuniam-se em torno de uma mesa ‘no corpo da igreja matriz’, e grupos rivais disputavam o controle daquele terreno sagrado [...]”²⁹. Portanto, o dia da votação era um grande acontecimento. Essa peleja envolvendo a fraude eleitoral chegou até a Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, e as partes envolvidas se defenderam,

*Apesar da questão não estar resolvida, até meados de fevereiro de 1864, os chamados progressistas sabiam que a maior parte dos deputados gerais estava ao seu favor, pois, ao contrário do número de conservadores ‘genuínos’ ou ‘históricos’, eles tinham uma representação muito significativa na 12ª legislatura (1864-1866). Mesmo com as provocações de ‘Asínio e Cª’ (o jornal se refere a Anísio Salatiel Carneiro da Cunha e seus partidários), o padre Lindolfo, após extensa fala, foi ‘aplaudido por seus amigos’ (*O Publicador*, 15 de março de 1864, número 461, p. 2) na sessão parlamentar ocorrida no dia 18 de fevereiro. Em seguida, a palavra foi concedida a Saraiva, político muito atuante no cenário político nacional do Império e que havia apoiado os candidatos ‘vermelhos’ do 1º distrito eleitoral da província da Paraíba.³⁰*

Vale salientar que no ano de 1863, período em que ocorreu essa disputa política,

²⁸ DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX*. São Paulo: Globo, 2005, p.107-108.

²⁹ GRAHAM, Richard. *O clientelismo e a política no século XIX*. Tradução de Celina Brandt. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997, p. 156.

³⁰ Para maiores esclarecimentos sobre o processo eleitoral na Paraíba nesse período, ver: SEGAL, Myraí Araújo. *Nas teias do poder: as elites paraibanas e a construção do Estado Nacional Brasileiro (1840-1889)*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014, p. 29-30.

havia uma espécie de conciliação entre os liberais e conservadores na bancada nacional, inclusive na Paraíba alguns conservadores históricos passaram para o lado dos liberais, como nos casos exemplares do Padre Lindolfo José Correia das Neves e do Dr. José da Costa Machado³¹. Após toda essa disputa de poder na esfera nacional foram considerados eleitos pelo 1º distrito os liberais, Dr. José da Costa Machado, Dr. Filinto Henriques de Almeida e Lindolfo José Corrêa das Neves. Após essa decisão o presidente Araújo Lima foi retirado do cargo e o primeiro vice-presidente, o liberal Felizardo Toscano de Brito, assumiu o poder da província³². Nas eleições provinciais Cruz Cordeiro sempre esteve ao lado dos liberais, se elegendo por três legislaturas. No início dos anos de 1870 fundou, juntamente com Felizardo Toscano de Brito e José Inocêncio Poggi, o Diretório Liberal da capital paraibana. A composição do Diretório elegeu Toscano de Brito para presidente, Poggi para vice e Cruz Cordeiro como secretário, entre outros³³. A mesa diretora ficou responsável por criar uma legislação de funcionamento do Diretório.

É interessante observar que a criação desse Diretório aconteceu exatamente no período em que os conservadores, liderados por Silvino Elvídio Carneiro da Cunha, retomaram o poder e passaram a dirigir com um maior número os espaços formais de poder, como a Assembleia Geral e a Assembleia provincial. Em 1868, “os vermelhos”, ou conservadores, já aparecem na cena política da província como maioria, e foi nesse ano que o médico Antonio da Cruz Cordeiro fora demitido do cargo de cirurgião-mor da província. Segundo *O Jornal do Recife* a perseguição continuava, pois também fora demitido um grande número de autoridades policiais³⁴.

A força policial era um instrumento importante nas mãos da elite que representava um poder coercitivo, e os conservadores, que estavam assumindo o poder, queriam pessoas de sua confiança nessas funções. Provavelmente os aliados ao partido dos “vermelhos” fariam parte da nova composição do corpo policial. A profissão de médico garantia uma prática profissional independente, pois mesmo que fosse demitido do cargo público, em um contexto ao qual o Estado era o maior empregador dos letrados, como chama a atenção José Murilo de Carvalho³⁵, a sua atuação como médico estava garantida, tendo em vista que manteve um consultório na Rua da Areia, na capital da Paraíba.

³¹ MARIZ, Celso. *Apanhados históricos da Paraíba*. 2.ed. João Pessoa: Ed.Universitária/UFPB, 1980 [1922].

³² ARAÚJO, *Nas teias...*, p. 30. O presidente Araújo Lima foi exonerado por decreto de 23 de janeiro de 1864, mas foi apenas em fevereiro que ele de fato deixou o cargo.

³³ Ainda faziam parte do Diretório Liberal: Dr. João Leite Ferreira, Capitão Antonio da Costa Moura, Dr. Francisco Alves de Souza Carvalho, Major Felinto Leoncio Victor Pereira, Dr. Jerônimo Cabral Rodrigues Chaves, Tenente Coronel Antonio Vicente de Magalhães, Dr. Vicente do Rego Toscano de Brito e o Capitão Simpício Narciso de Carvalho. *O Publicador*, 23 agos./1872. p.02.

³⁴ *Jornal do Recife*, Recife, n. 187, 13agos./1868, p. 02.

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: a política imperial*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007 [1980].

Inflamando o puro fogo do amor a pátria

Após essas disputas de poder na política imperial, o Dr. Cruz Cordeiro adentrou no cenário da guerra do Paraguai. Mesmo antes de chegar ao campo de batalha, ainda em 1865, escreveu *O Prólogo da Guerra ou o Voluntário da Pátria*, texto que mais tarde se transformou em peça de teatro. Com a publicação do poema nos jornais do Rio de Janeiro, Recife, Alagoas, Paraíba, entre outras províncias, e, diante do contexto de exaltação do patriotismo da guerra, o texto fez muito sucesso, sendo em seguida transformado em peça de teatro. A peça foi encenada na capital da Paraíba, no dia 25 de março de 1866, e o texto foi considerado, nas publicações dos jornais, um ensaio dramático em versos, composto em três atos. Em outubro de 1865 o jornal *O Publicador* noticiava:

Acaba de sahir da officinas typographicas do imperial instituto artístico da corte essa obra nitidamente impressa em papel assitinado, e formato elegante em 8º, contendo o volume alem do drama Prólogo da Guerra ou o voluntário da Pátria – alguns aspectos relativos à mesma obra, como sejam: – conversação preliminar e nota do autor; – parecer do conservatório dramático da Bahia; –chronicas teathraes; – juízos críticos; – artigos de jornaes; – musica e uma interessante carta do ilustrado do Srpadre Francisco Bernardino de Souza, cônego da capella imperial, professor do imperial colégio de PedroII, já mui conhecido pela ssuas lendas bíblicas e varias obras, assim como pela sua elegante traducção da História Universal do sábio Duruy, ministro da instrucção da França [...].³⁶

A peça também foi apresentada no teatro Santa Isabel, na cidade do Recife. *O Publicador* passou a divulgar diariamente a notícia da chegada do exemplar do *Prólogo* e, ainda, convocava os leitores interessados em adquirir um exemplar do livro que fizessem as suas reservas. Eram 167 páginas, produzidas “com papel acetinado e formato elegante”. O redator alegava que havia uma grande demanda na capital do império, local de origem da publicação, portanto, seria interessante antecipar o pedido para não correr o risco de ficar sem o exemplar. No entanto, a demanda não atingiu um grande público, o que levou o redator do *Publicador* a tecer críticas aos paraibanos que não davam valor a uma poesia que fora elogiada, inclusive pela crítica especializada do Rio de Janeiro e da Bahia. Para o redator do *Jornal de Mamanguape*: “os parahybanos não estão habituados a posse de livros scripto por seus patricios”.

É interessante observar que em vários escritos do jornal *O Publicador* acerca do poema, são apontadas referências que legitimam a boa qualidade e a relevância do texto de Cruz Cordeiro, como o parecer do Conservatório e a carta

³⁶Grifos meus. *O Publicador*, Cidade da Parahyba, 20 de out. 1865, p.03.

do padre Francisco Bernardino de Souza. Os editores do jornal esperavam cem exemplares que seriam distribuídos aos assinantes do periódico e só pagariam “por cada exemplar a quantia de 2\$000 no acto da entrega”. Aqueles que não eram assinantes poderiam comprar o exemplar do poema por 3\$000. Havia listas de reserva da obra nos seguintes endereços: na tipografia do jornal (cidade alta), na sede do jornal *O Despertador*, na botica da Santa Casa (Cidade Baixa e Rua das Convertidas) e em outras lojas da capital.

Os elogios foram divulgados em alguns periódicos da capital baiana após a apresentação do drama que foi encenado no dia 17 de julho de 1865, no Teatro São João. Uma peça que reforça o “verdadeiro patriotismo”, por isso era importante, naquele momento, apresentá-la ao público, principalmente nas festividades cívicas. Alguns trechos do poema foram divulgados no *Publicador*:

O Voluntario

*Meu pai, meu nobre pai, eu vos amo!
Meu amor é por vós estremecido...
Adoro minha mãe, como uma santa.
Como um anjo do céu, que me abençoa
Nas horas da aflição e da desgraça!...*

(Com transporte)

Com minhas irmanzinhas sonho à noite! [...]

.....

(Movimento de Jorge)

*Fundas São as saudades, que me ralam,
Que me estalam o peito de agonia;
Mas agora, meu pai, neste momento,
Em que devo partir para o combate,
Sem poder exprimir o que a alma sente,
Não deveis recusar os meus afetos.*

(Com amargura)

*Nem ingrato chamar o vosso filho...
Eis como o voluntario responde ao pai, que
Banhando em pranto, lhe tem dito antes:*

Jorge (com saudades)

*Oh! Filho de minha alma, posso acaso
Ver-te depois de dias tão saudosos,
Abraçar-te um instante e abandonar-te?...³⁷*

E o texto prossegue mostrando o amor a pátria e a família, com gestos de sofrimento e saudades, mas, acima de tudo, de heroísmo. Não é a toa que as famílias que tiveram seus filhos, pais, esposos e irmãos na guerra se sentiam representados nesses versos, sempre na esperança de um retorno de seus familiares. Além desse

³⁷ Grifos de Cruz Cordeiro. *O Publicador*, Cidade da Parahyba, n. 846, 20 de out. 1865, p. 03.

tom de sacrifício em defesa da pátria, havia também um forte apelo dramático ao sentimento de sofrimento que abordava as mazelas do campo de guerra, como um vulcão em erupção que “vomita em cada lava a dor e a morte”.

O redator do jornal *O Publicador* lembra que os versos tiveram uma boa aceitação entre a população, pois falam de saudade, das lágrimas dos familiares que tiveram seus parentes embarcando para a guerra e da despedida, sempre na esperança do retorno para o seu lar. Uma poesia que transborda emoção e o coração fala mais alto. A aceitação da poesia em vários lugares, diz o jornal, é fácil de entender, porque nas províncias que enviaram seus entes queridos, “não há quem não tenha visto lágrimas na despedida; Quem não viu o sofrimento na separação entre pai e filho, irmã e irmão, o amante e a amada, e o lenço branco agitando-se no ar, em direção ao cais”³⁸.

O texto foi produzido em duas semanas, Cruz Cordeiro justifica que a rapidez na escrita foi motivada porque os versos dramáticos representam “os verdadeiros resultados do sentimento patriótico do brasileiro” e por acreditar que sua província era uma “grande aldeia habitada por uma só família”. Diz Cruz Cordeiro para justificar a sua publicação:

*Acorde neste sentimento que me brotava espontâneo no seio d'alma eu procurei prestar o meu fraco contingente, descrevendo o patriotismo do povo brasileiro: assim como a nobreza dos seus elevados sentimentos de generosidade de suas ideias; a pureza do seu amor; a sublimidade de sua gloria pela causa nacional.*³⁹

O *Jornal do Recife* também se posicionou com relação ao Prólogo:

*Mais uma brilhante composição veio a enriquecer o cofre da nascente, mas já muito rica literatura brasileira; mais um precioso livro, o qual deve ser lido e decorado por todos aquelles presam as obras dos verdadeiros talentos, e se sentem inflamados do puro fogo do amor da pátria.*⁴⁰

Sabemos que esse tipo de escrita era mais uma ferramenta utilizada para tentar convencer a população para se alistar, ou aceitar o recrutamento, para a guerra. Com um sentimento de apelo ao patriotismo, os versos mostram o heroísmo daqueles que mesmo estando longe dos seus entes queridos, estão ali por uma “causa maior”, a defesa da pátria contra os povos “bárbaros”, os paraguaios. Nos impressos que circulavam na Paraíba, de 1865 a 1870, eram divulgadas notícias da guerra como: as deserções, as fugas, as doenças, entre outras. Com o tempo e a guerra se prolongando, os pedidos de liberação para não lutar eram recorrentes, um dos motivos alegados era a doença, uma estratégia muito usada para conseguir

³⁸ *O Publicador*, Cidade da Parahyba, n. 846, 20 de out. 1865, p. 03.

³⁹ *O Publicador*, Cidade da Parahyba, n. 846, 20 de out. 1865, p. 03.

⁴⁰ Grifos meus. Informação publicada n' *O Publicador*, Cidade da Parahyba, n. 846, 20 de out. 1865, p. 03.

a dispensa do recrutamento. Para avaliar essas solicitações alguns médicos eram enviados as vilas do interior. O Dr. Cruz Cordeiro também atuou nesse campo, sendo nomeado para a Junta da Saúde, com o objetivo de inspecionar os voluntários da pátria que alegavam não poder assumir o posto por estarem doentes e pediam dispensa. Algumas vezes o resultado da perícia, naqueles que alegavam estar enfermos, era publicado nos jornais.

Salvar a memória graças à verdade histórica

Em seguida, em 1866, publicou os Estudos *Biographicos: o vigário Joaquim Antonio e algumas de suas peças oratória*, um livro de mais 300 páginas, feito a pedido do Comendador Felizardo Toscano de Brito. No início do texto tem uma carta dedicada ao Comendador, na qual o médico explicou porque resolveu escrever o estudo biográfico que, em sua opinião, de início seria apenas um esboço, mas diante da quantidade de informações passadas pela família do pároco, acabou se transformando em um livro. Relata ainda que tudo começou em um final de tarde, na casa do Comendador, quando após o enterro do pároco, alguns amigos foram tomar um café:

Não se falava ahi em política, não se aventurava uma ideia sobre a marcha dos negócios públicos; não se anunciava pensamento algum sobre a melindrosa situação do Paiz. E, como em outros dias, também não ocupavam em nossos pensamentos os nomes dos briosos generaes Osorio, Tamandaré e Barroso; nem os feitos gloriosos dos nossos bravos; nem as brilhantes vitórias por eles alcançadas nas águas do Paraná e no solo Paraguayo.⁴¹

A conversa após o velório era amena, sobre a importância e a obra religiosa do vigário e de como seria interessante se alguém fizesse um artigo esboçando a sua biografia. Naquele momento foi escolhido Toscano de Brito, amigo pessoal do pároco, para fazer a homenagem. Fora escolhido “por sua inteligência e madureza de pensar e por todos os seus títulos”⁴², no entanto, o Comendador recusou alegando que não teria tempo hábil, pois com o cargo que havia assumido, de 1º Vice-Presidente da província, ele estava muito ocupado e não tinha tempo para outras funções. A ideia era manter viva a memória de Joaquim Antonio Marques, e Cruz Cordeiro aceitou a tarefa, segundo ele, em atenção aos amigos.

Ainda na carta de abertura do livro, o médico alega que o seu artigo, que acabou virando livro, consiste na “verdade histórica” acerca do padre e só foi possível

⁴¹ CORDEIRO, Antonio da Cruz. *Estudos biographicos: o vigário Joaquim Antonio e algumas de suas peças oratórias*. Parahyba: Typographia Liberal parahybana, 1866, p.IX.

⁴² Felizardo Toscano de Brito foi vereador, deputado provincial, deputado geral, vice-presidente da província, tendo assumido o cargo por duas vezes. Era um dos fundadores e líderes do Partido Liberal na Paraíba. Estudou na Faculdade de Direito de Olinda, uma formação acadêmica que mostra como a elite política trilhava determinados caminhos para se manter no protagonismo da cena política.

graças às informações dadas por Felizardo Toscano de Brito aos documentos e relatos familiares. Quem mais contribuiu com as informações foi o pai e a irmã que entregaram uma caixa contendo vários escritos do padre, como: sermões, produções literárias e alguns rascunhos. Ainda justifica a sua escrita como sendo importante, pois fora feita com a cabeça, o coração e a alma. Ao longo da carta me parece que o médico estava dando uma satisfação da sua produção ao *Comendador*, e ao mesmo tempo “pedindo a benção ao padrinho”, em um tipo de relação clientelar, que como chama a atenção Richard Graham (1997), “constitui a trama de ligação da política do Brasil do século XIX”. Uma lealdade que é parte constitutiva do poder simbólico nas redes de clientelismo na troca de favores, ampliando e legitimando a estrutura social existente⁴³.

Pede autorização ao *Doutor Comendador*, como Cruz Cordeiro gostava se reportar ao Sr. Toscano de Brito, para publicar doze peças de oratória. O pedido fora aceito e o livro encaminhado para a gráfica contendo a descrição da vida do padre, desde o nascimento até a morte. O texto é composto por vinte e seis capítulos que relatam a vida do pároco atuando “fervorosamente” no combate a epidemia do cólera em 1856, inclusive sendo acometido pela doença. Ao longo do livro, Cruz Cordeiro, como era de costume nos seus escritos, vai buscar suporte nos mais diversos pensadores como: Platão, Aristóteles, Zenon, Cicero, Spinoza, Louvet, Pigault-Lebrum, Guisot, só para citar alguns. No final do texto existe uma errata com algumas palavras, em que os editores a justificavam levando em consideração que o autor só teria lido uma única vez e, portanto, não viu os erros, mas, mesmo assim, a qualidade do livro não seria prejudicada.

Um patriota tão grande quanto o médico

O livro *A Batalha de Humaytá*⁴⁴ foi publicado em 1869, sendo recitado pela atriz Izabel Cândido, no Teatro Phenix, na noite de 8 de outubro de 1873 e, na época, as famílias se reuniam em suas casas para ouvir os dramas e patriotismo da guerra. Diz alguns trechos do poema:

*É noite, fria bafagem
Desce o rio Paraguay
As águas crescem na margem*

⁴³ GRAHAM, *Clientelismo e política...*, p.15. Linda Lewin mostra como esse tipo de relação, bem como os laços de parentesco foram importantes na configuração da política na província da Paraíba, entre outras. Para maiores esclarecimentos acerca dessa temática, ver: LEWIN, Linda. *Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar*. Tradução de André Villa Lobos. Rio de Janeiro: Record, 1993; MARIANO, Serioja Rodrigues C. *Gente opulenta e de boa linhagem: família e relações de poder na Paraíba (1817-1824)*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

⁴⁴ No discurso de posse de Higino da Costa Brito na Academia Paraibana de Letras, em 1947, o Dr. Cruz Cordeiro foi citado como sendo “um patriota tão grande quanto o médico” e foram lidos alguns trechos sobre a guerra, do livro *A Batalha de Humaytá*. BRITO, Higino da Costa. “Discurso de Posse”. *Revista da Academia Paraibana de Letras*, João Pessoa, APL, ano I, n. 2, 1947. Cruz Cordeiro é Patrono da Cadeira n. 11 da Academia Paraibana de Letras, ocupada atualmente pelo professor José Jackson Carneiro de Carvalho, e da Cadeira n. 03, e da Academia Paraibana de Medicina, ocupada hoje pelo médico Augusto de Almeida Filho.

*E o rio crescendo vai...
Maurity neste conflito
Mostrou-se General invicto
Marinheiro imperial
Ligeiro volve o Alagoas
E a pique mete as canoas
Naquele abismo infernal.*

*Humaytá é um rochedo...
Que tem aos pés um torpedo
E amedronta as nações...*

.....
*Não faltava cousa alguma
Quando o Barão de Inhauma
Disse ao Delphim...Marchai...
O moço marchou adiante
Altivo como um gigante
Pr'as terras do Paraguay.⁴⁵*

Na província da Paraíba *A Batalha do Humaytá* foi publicada, em forma de livro, a partir das matérias que saíram no *Jornal da Parahyba* criticando o texto. O título do livro, *A Poesia – A Batalha de Humaytá e a Crítica lançada no Jornal da Parahyba – Análise publicada pelo Despertador, pelo Dr. Antonio da Cruz Cordeiro*⁴⁶, de certa maneira, já nos diz do que trata a obra, e que seu conteúdo vai muito além da poesia.

O próprio título dos capítulos já demonstra a intenção de Cruz Cordeiro quando resolveu publicar os seus versos, ou seja, rebater as duras críticas nos seus *Artigos I, II, III* e a assim sucessivamente. No *Artigo I*, Cruz Cordeiro alerta para o fato de que fazer a crítica a um trabalho não é uma tarefa fácil, simples, pelo contrário, é uma das partes mais difíceis. Diz que:

Não bastam frases grosseiras lançadas a pedido em um jornal, contra qualquer produção literária, para que façam cahir o ridículo sobre o seu autor, e se tronem elles assim verdadeiros arbitro do mérito dos outros. [...] Entregue taes críticos a sua s paixões e vaidades [...].⁴⁷

O autor faz um longo ensaio para rebater as publicações do *Jornal da Parahyba* e considera que as mesmas teriam sido feitas por uma pessoa “ignorante e malévola”, uma crítica que se tornou uma “arma perigosa” nas mãos dos seus opositores, pessoas “invejosas e sem mérito”. Segundo Cruz Cordeiro, esse tipo de

⁴⁵ BRITO, “Discurso de Posse”; e CASTRO, *Medicina na Paraíba...*, p.47.

⁴⁶ CORDEIRO, Antonio da Cruz. *A poesia- A Batalha de Humaytá e a Crítica lançada no Jornal da Parahyba: análise publicada pelo Despertador, pelo Dr. Antonio da Cruz Cordeiro*. Cidade da Parahyba: Typographia Liberal Parahybana, 1869.

⁴⁷ CORDEIRO, *A poesia...*, p. 08-09.

crítica parte dos *invejosos* que não respeitam “as luzes dos outros”. Esses inimigos seriam os redatores do *Jornal da Parahyba*, que aceitaram e publicaram em suas páginas “os maiores disparates (até mesmo em literatura!) contanto que a seta seja disparada contra o alvo que miram”, finaliza Cruz Cordeiro. Para o médico, o que escreveram contra ele são fantoches nas mãos dos Carneiro da Cunha, que os manipulam, através dos seus “pobres discursos” para atingir os seus desafetos, mesmo não sendo na arena política.

Nas páginas que se seguem, Cruz Cordeiro reclama do “calvário” que tem sido o seu nome e seus escritos nas páginas daquele jornal, após a publicação da *Baralha de Humaytá* – mas, faz uma ressalva, dizendo que sente muito orgulho de ter escrito -, alega que não teve mais um dia de sossego. Segundo ele, a “inveja, o despeito, o ódio, a vingança” fazem parte do “capricho individual” e não da *opinião pública*, que recebeu o seu texto com muito louvor. Diz que aqueles que o difamaram são políticos de uma visão atrasada, que não sabem separar o político da literatura, por isso os redatores do *Jornal da Parahyba* tem uma visão “míope das letras”.

O “Artigo I” tem 14 páginas, ao final Cruz Cordeiro diz que pensou em não dar a resposta e ficar em silêncio, pois tem “a sua dignidade”, porém não poderia ficar calado diante do que considerou como uma visão cheia de calúnias a seu respeito. Se se calasse pareceria que concordava com tudo que estava escrito no jornal, por isso resolveu fazer a sua defesa e publicá-la na abertura do livro.

No “Artigo II” o médico apresenta a sua defesa após as críticas que recebeu pelo trabalho *Episódio da Esquadra Brasileira em Operações nas águas do Paraguay a 19 de Fevereiro de 1868*, publicado nesse mesmo ano. Foram cinco meses de intensas críticas, segundo Cruz Cordeiro, apresentadas em sete artigos no jornal, sendo os primeiros publicados em setembro, o terceiro, quarto e quinto, em novembro, o sexto em dezembro e o sétimo em janeiro de 1869. Infelizmente não tive acesso aos exemplares do jornal desse período.

Mais uma vez, o Dr. Cruz Cordeiro tenta desqualificar as críticas alegando que a narrativa é pobre, sem reflexão, sem o conhecimento das letras, e tudo isso seria uma grande armação de intrigas pessoais, de injúrias contra a sua pessoa. Portanto, as publicações contra a sua escrita não deveriam ser levada a sério, pois,

Não é uma crítica leal e nem fecunda; é pelo contrário uma daquellas, de que falla o escritor portuguez [Freire de Carvalho] que vem do soalheiro para a imprensa sem dignidade, conspurcando em lingoagem das praças os frutos que não podem produzir por sua esterilidade. Esta crítica repugna, porque não raciocina não reflecte, não discute, e nem julga;– abate por capricho, aborrece por inveja, e causa tédio por ignara! Em taes críticas se vê que o amigo sendo medíocre, e até mesmo ignorante, é exaltado, o indiferente é votado ao silêncio do desprezo por ser desconhecido, e o inimigo é, apesar de sua lealdade, chasqueado e convertido em victima sacrificada

*na hecatombe, julgando o inepto censor atestar por esse meio a grandeza e infalibilidade de seu juízo.*⁴⁸

Continua reafirmando, ao longo do texto, que tudo não passa de uma disputa dos seus adversários políticos do partido conservador. Não se pode esquecer que essas acusações já vem, pelo menos, desde o início da década de 1860, principalmente em 1863, com as acusações de que o médico havia feito um soneto contra o então presidente da Paraíba, Araújo Lima, como já foi apontado anteriormente. Um soneto que estava assinado por um tal de Bustamente.

Na publicação, os escritos de Cruz Cordeiro são vistos como um texto com “erro de poética, de metrificacão da gramática”, na construção da estrutura dos versos, inclusive de plágio. Acusação que deixou o médico indignado a ponto de escrever um longo texto no jornal *O Despertador* de 11 de janeiro de 1869, respondendo ao que ele acreditava ser um artigo com uma “linguagem baixa e de má fé”, um texto cheio de calúnia escrito pelos seus adversários. As críticas foram assinadas por Gustavo Bustamente, segundo o médico, esse nome seria um pseudônimo.

Na parte “Artigo III”, o Dr. Cruz Cordeiro diz que vai fazer algumas considerações específicas acerca do que foi publicado no *Jornal da Parahyba*. O autor começa a narrar o que considerava um dos acontecimentos mais esplêndidos da guerra, a Batalha do Humaytá, ocorrida em 19 de fevereiro de 1868. Cruz Cordeiro continua rebatendo a fala do Sr. *Crítico* (codinome Bustamente), por fazer correções gramaticais e diz que o Sr. *Crítico* “é um ignorante” que não conhece os princípios básicos da versificação. Ao longo dos outros artigos tece uma série de comentários desqualificando os argumentos apresentados no *Jornal da Parahyba*,

*O Sr. Bustamente é um desses críticos singulares, que abordam todas as questões, penetram no santuario de todas as sciencias e artes, e falam sobre tudo que ignoram com uma falácia e sangue frio que admira! Elle não tem sciencia, mas dá conselhos aos sábios artistas! [...].*⁴⁹

Em sua narrativa, o Dr. Cruz Cordeiro se desculpa com os leitores e pede paciência para aturarem as críticas direcionadas ao Sr. Bustamente, pois não pode deixar que uma falácia, com frases “burlescas e desconhecidas”, possa amordaçá-lo. Em seguida, lança um *post iscriptum* dizendo que não entende o que fez para o dito Sr. Bustamente caluniá-lo e ameaçá-lo. Por isso diante de tantas “mentiras” se sentiu na obrigação de responder a todas as acusações. Inclusive recebeu apoio dos amigos que publicaram o seguinte: “você tem feito o Sr. Bustamente arrenegar a hora em que se meteu a crítico ...pobre de espírito [...]”. Para o médico e escritor, a vingança estava concluída, na arena do discurso, atingindo os redatores do *Jornal da Parahyba*, adversários políticos e mentores da campanha contra ele. Os Carneiro da Cunha escolheram para combatê-lo um homem errado, o Sr Bustamente, “sem mérito e supondo-se literato”. Nas páginas dos jornais o que se via eram espaços de

⁴⁸ CORDEIRO, *A poesia...*, p.20.

⁴⁹ CORDEIRO, *A poesia...*, p.211.

intensas disputas políticas, uma estratégia muito utilizada nos impressos.

Dr. Cruz Cordeiro pertenceu também ao Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, como sócio correspondente, ainda em 1865, pois segundo *O Publicador*, a instituição o convidou porque reconheceu a sua atuação na literatura como “respeitável cooperação”, bem como “os títulos do ilustrado a que tem jus esse nosso amigo que anda ausente da família, a cuidar dos defensores da Pátria”⁵⁰.

Considerações Finais

Nesse artigo tentei mostrar a trajetória do médico, escritor e político Antonio da Cruz Cordeiro, pensando no papel do indivíduo, na construção dos laços sociais, a partir de uma intrincada teia de relações de saber e poder na Paraíba oitocentista. O que se percebe após a consulta na documentação, e vale salientar que é bem ampla, é a complexidade do contexto da época de atuação de Cruz Cordeiro. Segunda metade do Oitocentos, a guerra do Paraguai, que trouxe para o debate público, através dos impressos, a situação de fragilidade do Exército, de como a questão do *Ser* brasileiro, no sentido de pertencimento a uma nação, foi explorada de todas as maneiras; o debate ferrenho entre liberais e conservadores e o papel dos impressos nesse espaço “público”, trazendo a informação a um número maior de pessoas.

Com uma vida ativa, o Dr. Antonio da Cruz Cordeiro faleceu aos 64 anos de idade, na cidade do Recife, em 1895, após uma intervenção cirúrgica. Deixando três filhos, dentre eles o também médico Antonio da Cruz Cordeiro Junior, também escritor e jornalista. Cordeiro Júnior, assim como o seu pai, escreveu em vários jornais como *A Gazeta da Parahyba*, juntamente com Eugênio Toscano de Brito, filho de Felizardo Toscano de Brito, o *Doutor Comendador*, como era chamado por Cruz Cordeiro. O que se percebe é uma rede de sociabilidade mantida pelos filhos que, muitas vezes, seguiam a carreira dos pais.

Sua trajetória nos revela como as redes de sociabilidade eram importantes no processo de ascensão política e manutenção do *status quo*. Um homem que viveu e circulou nos espaços formais de poder, nos mostra, através dos seus escritos, a complexidade do mundo das letras, da política e da medicina no Brasil/Paraíba do Oitocentos. Cruz Cordeiro, quando publicou o seu primeiro livro, se dizia preocupado com a saúde dos paraibanos, tentou prevenir e combater a epidemia do cólera, lançando ao público (leitor e não leitor) as suas *Instruções* contra a doença. Depois, mesmo ocupando cargos distintos na elite provincial, resolveu partir para a guerra, e antecipando o que veria no campo de batalha, bem como numa tentativa de convencer a população da importância do alistamento, lançou o seu *Prólogo*, e o transformou na sua “arma” para mostrar o quanto era importante, naquele momento, se unir contra o que considerava o mal maior: Solano Lopez. Após a volta da guerra, resolveu enveredar pelo mundo da biografia e, a pedido de um amigo e aliado, escreveu sobre um pároco, Joaquim Antonio, trazendo para o cenário dos impressos a religião e a vida cotidiana do padre. E foi a partir da enxurrada de críticas que recebeu do *Jornal da Parahyba* que resolveu publicar *A*

⁵⁰ *O Publicador*, Cidade da Parahyba, 03 de jul.1865, ano IV, n. 846, p. 03.

Batalha de Humaytá, e rebater as críticas feitas por seus opositores conservadores, donos do jornal. Nesse período havia toda uma preocupação “com a opinião publica”, por isso se publicava tanto, era uma maneira mais rápida de divulgar ideias. Ao longo da sua vida não parou de escrever nos jornais publicações que depois virariam livros, uma prática comum no meio dos homens letrados.



RESUMO

No ano de 1865 o médico paraibano Antonio da Cruz Cordeiro, foi homenageado no teatro São João na cidade de Salvador (BA), após a apresentação de seu poema intitulado *Prólogo da Guerra ou o Voluntário da Pátria*. Um drama que virou peça de teatro e recebeu críticas de vários jornais, inclusive na província da Paraíba. Portanto, através análise de jornais do século XIX, fragmentos de biografias, relatórios de presidentes de província, poemas publicados pelo autor, entre outras fontes, este texto, com base na História Cultural e o conceito de Culturas Políticas, tem por objetivo analisar a trajetória do Dr. Antônio da Cruz Cordeiro. Um homem das letras que se destacou nos seus escritos acerca do cólera, foi deputado provincial pelo partido liberal, diretor do Hospital da Misericórdia, voluntário na guerra do Paraguai (1864-1870), escrevendo dois poemas que se destacaram nos impressos da época: *Prólogo da Guerra ou o Voluntário da Pátria* (1865) e *Batalha de Humaytá* (1868).

Palavras Chave: Culturas Políticas; Trajetória; Paraíba.

ABSTRACT

In the year 1865, Dr. Antonio da Cruz Cordeiro, a physician who was born in province of Paraíba, was honoured at São João Theatre in the city of Salvador, Bahia Province capital, after the presentation of his poem titled *Prólogo da Guerra ou O Voluntário da Pátria* (“War Prologue or The Nation Volunteer”). A drama-turned-play and received criticism from several newspapers, including at Paraíba province. Therefore, through the analysis of 19th century newspapers, biographies fragments, provincial president’s reports, and poems published by Cordeiro, among other sources, this paper, based on the ideas of Cultural History and the concept of Political Cultures, aims to analyse the trajectory of this man. He was a man of letters who stood out in his writings about the cholera, was provincial deputy for the Liberal Party, director of Misericórdia Hospital, volunteer in the Paraguayan War (1864-1870), writing two poems that stood out on these days: *Prólogo da Guerra ou O Voluntário da Pátria* (1865) and *Batalha de Humaytá* (“Humayta Battle”, 1868).

Keywords: Political cultures; Trajectory; Paraíba.

Artigo recebido em 30 mai. 2015.

Aprovado em 24 nov. 2015.